

LINEU MIRANDA

(1917-1991)

Lineu Miranda era o mais velho de todos os presos políticos. Discordávamos em algumas questões, em parte, pelo radicalismo político da minha juventude, por pensar que ele tinha manias de ser chefe, e que tratava assuntos confidenciais com pouco sigilo. Diga-se também, que às vezes ficava simplesmente chocado com o seu realismo cru, e a sua objectividade em analisar os problemas. Com uma longa experiência nas lides da vida, de uma franqueza cortante mesmo nos assuntos pouco populares, aprendi muito com ele.

A sua postura, durante o seu julgamento no Tribunal de Guerra colonialista, deixou em mim uma indelével imagem de um intrépido combatente. Nele, via o símbolo da resistência caboverdiana. Não sei se para os seus companheiros teria dito coisas que não devia. Mas para nós que nos encontrávamos no banco da assistência do Tribunal de Guerra, era a primeira vez que víamos um caboverdiano, frente a semelhante aparato colonial, cheio de si, coragem e serenidade, com tamanha convicção a denunciar as engrenagens do colonialismo. A sua estatura proeminente, a sua calvície e cabelos brancos transmitiram a força e a seriedade do PAIGC à

população da Praia que em massa assistia ao julgamento de um grupo de presos políticos do PAIGC em Cabo Verde.

Lineu, na prisão, nunca parava. Todos nós receávamos o ócio. Ele fora o elemento principal na organização dos estudos dos nossos companheiros. Costurava, cozinhava, cantava, enfim quando não tinha mais que fazer tomava os nossos livros e encadernava-os. Construía pequenas caixas para canetas e lápis que distribuía a todos nós. Nessa altura, fumava dois maços de cigarros por dia. Fazíamos exercícios físicos juntos. Consegui que ele deixasse de fumar. Tinha momentos de depressão como todos nós, e às vezes passava sem exagero, semanas debaixo do lençol. Só saía da cama para as refeições e recreios.

As suas anedotas picantes levavam a que Sérgio sempre o alertasse que só as devia contar em sítios como quartéis e «fornadja», lugares exclusivos a homens.

A sua facilidade no diálogo e o seu bom coração ajudaram imenso a aliviar o tenso clima da cela n.º

3.

Libertado juntamente connosco depois do 25 de Abril, seria nomeado membro da C.N. (Comissão Nacional) do partido e Presidente do Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade.

Também, foi deputado na primeira legislatura da Assembleia Nacional. Mais tarde pediu a sua demissão da C.N.

Extracto do livro “TESTEMUNHO DE UM COMBATENTE” – Pedro Martins - 3ª Edição-2009